

Revista  
Latino-americana de

# Geografia e Gênero

Volume 13, número 1 (2022)

ISSN: 2177-2886

Artigo

## As Transformações na Sociabilidade Gay no Rio de Janeiro no Século XX (1940- 1980): Do Largo do Rocío a “Galeria do Amor”<sup>1 2</sup>

*Transformaciones en la Sociabilidad Gay de Rio de  
Janeiro en el Siglo XX (1940-1980): De Largo do Rocío  
a “Galeria do Amor”*

*Transformations in the Gay Sociability of Rio de  
Janeiro in The 20th Century (1940-1980): From Largo  
do Rocío to “Galeria do Amor”*

**João Victor Sanches Patrício**

Universidade Federal do Rio de Janeiro – Brasil  
jsanches1605@gmail.com

Como citar este artigo:

PATRÍCIO, João Victor Sanche. As Transformações na Sociabilidade Gay no Rio de Janeiro no Século XX (1940-1980): Do Largo do Rocío a “Galeria do Amor”. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 13, n. 1, p. 52-69, 2022. ISSN 2177-2886.

Disponível em:

<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>

# As Transformações na Sociabilidade Gay no Rio de Janeiro no Século XX (1940-1980): Do Largo do Rocío a “Galeria do Amor”

*Transformaciones en la Sociabilidad Gay de Rio de Janeiro en el Siglo XX (1940-1980): De Largo do Rocío a “Galeria do Amor”*

*Transformations in the Gay Sociability of Rio de Janeiro in The 20th Century (1940-1980): From Largo do Rocío to “Galeria do Amor”*

## Resumo

O presente artigo visa analisar as diferentes formas de sociabilidade gay masculina no decorrer do século XX, precisamente entre as décadas de 1940 e 1980, na cidade do Rio de Janeiro. O objetivo central seria correlacionar as mudanças ocorridas nos padrões e tipos de sociabilidade desse grupo e as transformações urbanas vivenciadas pela cidade durante esse período, marcadas pelo reordenamento da mancha urbana em direção ao vetor sul da cidade e a formação de subcentros, como o bairro de Copacabana. Pretende-se também a partir de uma análise que privilegie os marcadores sociais da diferença (filiação étnico-racial, classe social e identidade de gênero) compreender o conteúdo dessas diferentes expressões de centralidade e como elas refletem o modo de produção segmentado e fragmentado da cidade do Rio de Janeiro ao longo do século XX.

Palavras-Chave: Sociabilidade. Expansão Urbana. Centralidades. Homossexual.

## Resumen

El presente artículo pretende analizar las diferentes formas de sociabilidad masculina gay durante el siglo XX, precisamente entre las décadas de 1940 y 1980, en la ciudad de Río de Janeiro. El objetivo central sería correlacionar los cambios ocurridos en los patrones y tipos de sociabilidad de este grupo y las transformaciones urbanas experimentadas por la ciudad durante este período, marcadas por el reordenamiento de la mancha urbana hacia el vector sur de la ciudad y la formación de subcentros, como el barrio de Copacabana. También pretendemos comprender el contenido de estas centralidades y cómo reflejan el modo de producción segmentado y fragmentado de la ciudad de Río de Janeiro durante el siglo XX, a partir de un análisis que privilegia los marcadores sociales de la diferencia (filialción étnico-racial, clase social e identidad de género) comprender el contenido de estas diferentes expresiones de centralidad y cómo reflejan el modo de producción segmentado y fragmentado de la ciudad de Río de Janeiro a lo largo del siglo XX.

Palabras-Clave: Sociabilidad. Expansión Urbana. Centralidades. Homossexual.

## Abstract

This article aims to analyze the different forms of gay male sociability during the twentieth century, precisely between the 1940s and 1980s, in the city of Rio de Janeiro. Its main objective is to correlate the changes observed in the patterns and types of sociability of this group and the urban transformations occurred in the city during this period, which are marked by the reordering of the urban concentration towards the southern vector of the city and the formation of sub-centers such as the neighborhood of Copacabana. Based on an analysis that emphasizes the social markers of difference (ethno-racial affiliation, social class, and gender identity), we also seek to understand the content of these different expressions of centrality and how they reflect the segmented and fragmented mode of production of the Rio de Janeiro city throughout the twentieth century.

Keywords: Sociability. Urban Expansion. Centralities. Homosexual.

João Victor Sanches Patrício



### Introdução

A ideia do presente artigo surge das pesquisas e discussões realizadas no âmbito da dissertação de mestrado "As Diferentes Expressões de Centralidade do Fervo Gay no Rio de Janeiro". A ideia de discutir as sociabilidades gays masculinas na última década (2010-2020) me instigou a ampliar a escala temporal de análise e buscar traçar uma linha do tempo sobre as interações espaciais desse grupo social historicamente marginalizado na cidade, no século passado. Para isso, lancei mão de uma metodologia que aliava uma recuperação histórica desses espaços de sociabilidade e entrevistas com pessoas que frequentaram esses espaços no período destacado.

A própria definição do período 1940-1980 é apoiada em uma ampla bibliografia sobre gênero e sexualidade, não só em Geografia, mas de outras áreas do conhecimento, como Sociologia, Antropologia e História. A leitura de autores como Green (2014; 2019), Trevisan (2019) e França (2006) permitiu estabelecer uma cronologia dos espaços, formas e tipos de interações realizadas por homens gays na cidade do Rio de Janeiro, ao longo do século XX.

Outro recurso metodológico importante foram as leituras de fragmentos de jornais, revistas e periódicos. Destaque para o acervo do Jornal o Globo, de onde foram selecionadas capas e reportagens publicadas no período que compreende os anos entre 1940 e 1980, que versavam sobre a interação gay na cidade. Em especial, ressalto o fragmento "Segundo Caderno" que semanalmente publicava lista com endereços de bailes, festas, boates e bares voltados ao público gay. Friso que, de forma geral, a narrativa adotada pelo jornal quanto a esse tipo de sociabilidade era bastante conservadora e marginal, tentando associar, na grande maioria das vezes, a existência desses locais a práticas de violência e a um discurso de degradação moral de bairros e áreas da cidade. Outro periódico utilizado na pesquisa foi "O Lampião da Esquina", publicado entre os anos de 1978 e 1982. O jornal foi precursor da chamada “imprensa alternativa”, que funcionava como crítica à Ditadura Militar durante o período da abertura. Embora fosse um jornal “gay”, o Lampião produzia pautas que mesclavam temas como identidades *queers*, defesa do meio ambiente, luta do movimento negro, movimento feminista e a defesa da democracia. A leitura de suas edições permitiu um levantamento apurado dos locais de encontro gay, no Rio de Janeiro, seja através de reportagens especiais dedicadas ao tema da sociabilidade masculina homossexual, como na sua edição número 0, em que lista bares, boates e inferninhos nas cidades brasileiras, ou nas edições temáticas que versavam sobre locais como a Praça Tiradentes e a Cinelândia, importantes redutos de encontros e prostituição gay entre as décadas de 1960 e 1980.

Por fim, o recurso metodológico mais importante adotado foram as entrevistas. A impossibilidade de realizar idas a campo ou buscas presenciais em acervos e bibliotecas por conta da pandemia do vírus SARS-COV-2 levou a

1 Esse artigo é fruto da pesquisa de mestrado intitulada “Das margens ao Centro: as diferentes expressões de centralidade do fervo gay na Área Central do Rio de Janeiro” realizada junto ao Programa de Pós Graduação em Geografia (PPGG) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

2 A Galeria do Amor é uma música composta pelo cantor Agnaldo Timóteo que se tornou faixa principal de seu LP lançado em 1975. A música faz referência a Galeria Alaska considerada “o maior reduto gay do Brasil” que ficava localizada no Posto 6 da Praia de Copacabana.

uma readaptação na obtenção de dados e informações da pesquisa. Para a dissertação de mestrado, entrevistei 80 homens gays na faixa etária entre os 20 e 65 anos, tendo como objetivo central entender seus percursos pela cidade e suas formas de sociabilidade e interação. As entrevistas eram semi-estruturadas e segmentadas em três partes, sendo que as duas primeiras partes buscavam traçar um perfil do entrevistado quanto à filiação étnico-racial, pertença à classe social e nível de renda/capacidade de consumo, e a última parte se dedicava a traçar espacialmente seus locais de sociabilidade e a visão que eles possuíam a respeito desses locais. Ao perceber uma nítida diferença de conteúdo, história e vivências entre as diferentes gerações, reduzi o alcance das entrevistas para homens gays entre 50 e 65 anos. Em entrevistas livres e de cunho informal, esses homens relataram suas experiências interacionais no passado, destacando as perseguições que sofriam, a invisibilidade que assumiam para frequentar esses locais, o impacto que a crise do HIV-AIDS causou nas interações e permanências nesses locais, e como a existência desses espaços ajudou a fortalecer o sentimento de pertença a uma comunidade, rompendo o isolamento vivido.

Os resultados obtidos com essas metodologias iam ao encontro das transformações espaciais e urbanas vividas pela cidade nesse período, dentre elas, destaco a reordenação da mancha urbana para o vetor sul da cidade, resultado de um discurso de “crise do Centro” e de uma necessidade da classe média e elite se diferenciarem, diante das mudanças de uso e ocupação do solo na área central, e a ascensão de Copacabana como subcentro da cidade, entre as décadas de 1940 e 1950 (O’DONNEL, 2013). Situar esses discursos, representações e interações nas mudanças espaciais ocorridas nesse período é o grande objetivo desse artigo, ressaltando que essas mesmas mudanças possuem um conteúdo social definido e interações espaciais específicas.

### **A Geografia de Gênero e Sexualidade**

Na Geografia, o subcampo intitulado "Geografia de Gênero e Sexualidades" ganha notoriedade na produção acadêmica anglófona, a partir da década de 1960. Grande parte dessa produção está associada à emergência de movimentos sociais e à luta pelos direitos civis, que tomaram as ruas das principais cidades do capitalismo mundial, reivindicando visibilidade e justiça social. A introdução da temática de Gênero na Geografia está associada à Segunda Onda do Movimento Feminista, à crítica ao patriarcado e à invisibilização da figura feminina nos espaços. Segundo Silva (2015), artigos e teses desenvolvidas no período questionavam o papel subalterno vivenciado pela mulher estadunidense na esteira do processo de suburbanização no pós-guerra, e a restrita produção científica na Geografia, feita por pesquisadoras mulheres, que está diretamente ligada à cultura machista que relega à mulher o acúmulo de tarefas e a subalternização em postos de trabalho.

Quanto à introdução da temática da sexualidade na Geografia, ela ocorre após uma alteração no rumo do chamado “Movimento Gay”, no final da década de 1960. O Levante de *Stonewall Inn*, realizado no dia 28 de junho de 1969, na boate de mesmo nome, no bairro de *Greenwich Village*, em Nova York, desencadeou uma série de conflitos entre os frequentadores e as forças policiais, gerando uma refundação das bases do movimento gay americano,



que adota uma política de exaltação das diferenças<sup>3</sup>. A força que esse movimento, ainda predominantemente branco, masculino e de classe média, irá adquirir nesse período levará a produção acadêmica com essa temática a áreas como a Geografia Urbana, caso dos trabalhos sobre o processo de gentrificação dos chamados *gays villages*, em bairros de cidades como São Francisco e Nova York (KNOPP, 1990).

Na Geografia brasileira, a discussão sobre Gênero e Sexualidade se fez de forma tardia e acompanhada de problemas de ordem metodológica e conceitual, e até hoje é alvo de questionamentos e indefinições (SILVA, 2015). Grande parte das pesquisas sobre o tema desenvolvida nos últimos anos se localizaram em universidades e centros de pesquisa de cidades médias e pequenas do país (FACHINNI, 2005), denotando o caráter conservador de centros de pesquisa consolidados e o apego ao “tradicionalismo” geográfico. Porém, trabalhos importantes sobre o tema na Geografia foram produzidos nos últimos anos, como os trabalhos sobre a distribuição espacial das saunas de boys, no Rio de Janeiro (RIBEIRO, 2015), a produção de microterritorialidades do lazer gay, em Porto Alegre (COSTA, 2017) e a formação de um mercado “GLS”<sup>4</sup>, em São Paulo, nas décadas de 1990 e 2000 (FACHINNI, 2005). Destaco aqui também a atuação do Grupo GETE (Grupo de Estudos Territoriais), responsável por parte expressiva da produção intelectual da Geografia sobre gênero e sexualidade brasileira, buscando, através de produção e autores nacionais, decolonizar o pensamento sobre essa temática. Quando se olha a produção de temas relacionados à sociabilidade gay na Geografia Brasileira, poucos são os trabalhos a versarem sobre o assunto, refletindo uma tendência majoritária de interdição à vivência e presença no espaço desse grupo social. Porém, em outros campos do conhecimento, como a Sociologia, Antropologia e História, essa discussão vem sendo realizada há algum tempo, como será notado a seguir.

### Tem Gay na Rua, na Boate, na Praia...

Antes de focalizar a discussão na sociabilidade gay carioca no século XX, é necessário um breve resgate histórico sobre a sociabilidade gay no espaço urbano de forma geral, e como ela se transforma diante das mudanças sociais, econômicas e políticas vivenciadas pelo mundo no último século.

Chauncey (1994), em sua pesquisa sobre os modos de sociabilidade e a apropriação dos espaços LGBTQI+ na cidade de Nova York, entre o final do século XIX e o início da II Guerra Mundial, demonstra como a construção de territórios de sociabilidade em áreas como esquinas, praças, ruas e mictórios de

3 Em contraponto a ideia assimilacionista defendida por grupos como *The Mattachine Society* na década de 1950 que defendia uma inserção social e cidadão do homem gay a sociedade americana. O movimento nascente a partir da década de 1960 prega a exaltação da diferença e o orgulho como forma de representatividade. Tal mudança de discurso fica evidente em lemas como “*Gay Power*” e “Sou Bicha e me Orgulho Disso”.

4 Sigla amplamente utilizada entre as décadas de 1990 e 2000 com forte apelo comercial e mercadológico. Significa “Gays, Lésbicas e Simpatizantes”. A categoria simpatizante faz referências a atores com sexualidade não desviante da norma heterossexual, mas que consumiam produtos, objetos e signos “gays”. Uma longa disputa de narrativas e busca por visibilidade conformou a sigla como LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, Transgêneros, Travestis, *Queers*, Intersexuais, Assexuais e demais identidades de gênero e orientação sexuais).

banheiros públicos se tornaram redes de sociabilidade e ajuda mútua que serviram como elementos de reforço a uma identidade positiva do ser LGBTQI+. À revelia de uma sociedade que classificava tais locais como violentos, decadentes e um atentado à moral e os bons costumes, esses encontros a céu aberto permitiram a conquista de novos espaços, como bares, restaurantes, saunas, e clubes esportivos, além de permitir a criação de instituições próprias, como revistas, jornais, concursos de beleza e livrarias.

Os espaços de sociabilidade gay assumem uma centralidade quanto à formação de identidades desse grupo e a afirmação de uma luta por visibilidade e representatividade social. Caso notório é o Levante de *Stonewall Inn*, na cidade de Nova York, em 1969. *Stonewall* era um bar localizado no bairro de West Village, frequentado por prostitutas, garotos de programa, mafiosos, travestis e homens gays, e era recorrentemente alvo de extorsão por parte do departamento de polícia. Na noite do dia 28 de junho de 1969, houve uma violenta batida policial, que foi respondida com uma reação virulenta por parte dos frequentadores. Garrafas e cadeiras foram arremessadas contra os policiais e um embate se seguiu durante semanas, gerando uma intensa mobilização de rua.

Autores como França (2006) e Fachinni (2005) discutem o uso do termo “gueto gay”, para se referir a esses espaços de sociabilidade entre as décadas de 1960 e 1980. O termo é eivado de um cunho pejorativo, pois está diretamente associado ao episódio de perseguição e extermínio sistemático de populações (negros, judeus, ciganos), e foi ressignificado pela população LGBTQI+, que passou a olhar esses “guetos” como uma forma de afirmar sua apropriação, por mais marginal que fosse, da cidade. No caso do Brasil, existe uma vasta discussão sobre a validade do termo “gueto gay” para se referir aos espaços de sociabilidade gay nas cidades brasileiras. Perlongher (1984), em sua obra seminal sobre a prostituição masculina no Centro de São Paulo, adaptando a definição de “gueto”, estabelecia por Levinas (1969, apud PERLONGHER, 1984), afirma ser impossível afirmar a existência de um gueto na sua área de estudo, que compreendia a Boca do Lixo e a Boca do Luxo, importante reduto de encontro LGBTQI+ nas décadas de 1970 e 1980. Segundo o autor, a presença de múltiplos atores (garotas de programa, homens e mulheres heterossexuais, pessoas em situação de rua, etc.) não tornaria aquele local um reduto essencialmente gay, e a não concentração residencial de homens gays naquela localidade era um outro indicativo da inviabilidade dessa classificação. Porém, mesmo diante da implausibilidade teórica, o termo “gueto” foi amplamente utilizado para se referir a esses e outros locais de interesse do público gay.

Porém, segundo França (2006) a ideia do “gueto” passa a ser abandonada em prol de uma outra noção, a de *gay culture*. Tal noção nasce na década de 1960, com o surgimento de um mercado de consumo voltado exclusivamente para gays, lésbicas, travestis e *queers*. Na esteira de uma reestruturação econômica e produtiva e da adoção de um modelo de economia *just in time*, surgem bares voltados ao público gay, marcas de roupas exclusivamente desenhadas para o público gay, agências de turismo especializada no “turismo rosa”, e toda uma sorte de produtos e serviços voltados à população LGBTQI+, como símbolo máximo da inclusão e da exaltação da diferença. Corroborar para esse cenário a indústria cultural, com o surgimento das

discotecas, o *visual camp*, a música disco e a revolução sexual. Desse modo, bem ao jeito capitalista de ser, a população LGBTQI+ (leia-se: a população gay, masculina, branca e de classe média) é inserida na sociedade sem rótulos e preconceitos. Destarte a importância da cidade para a consolidação dessa *gay culture*, segundo Costa (2017), a cidade enquanto *locus* que direciona investimentos e interesses financeiros e capitalistas se torna lugar, por excelência, dessa emergente cultura.

Os 21 anos de Ditadura Militar (1964-1985) abortaram toda e qualquer possibilidade de um movimento LGBTQI+ estruturado. Autores como Green e Quinalha (2014) apontam que um dos principais objetivos da Ditadura foi o controle de corpos e sexualidades dissidentes, na medida em que representariam uma ameaça real ao regime militar. Desse modo, uma perseguição sistemática a revistas, jornais e organizações foi estabelecida, porém, isso não invalidou a atuação desses grupos que, mesmo sob a sombra do regime, tornaram-se importante canal de luta pelos direitos civis. Aqui, abro especial menção à atuação do grupo SOMOS (Grupo de Afirmação Homossexual), ao Grupo Gay da Bahia (GGB), e ao jornal O Lâmpião da Esquina que, nos anos finais da ditadura militar, mesmo havendo resistência e perseguição, foram fundamentais para a criação de uma consciência LGBTQI+, e por instituir um debate que posicionasse a luta contra a ditadura numa dimensão que privilegiasse a questão de gênero e sexualidade. Com o fim da Ditadura Militar e a redemocratização, a *gay culture* e a resistência LGBTQI+ ganham dimensão no Brasil.

A popularização (e espetacularização) das travestis e transexuais em programas de auditório, a realização de Paradas do Orgulho “Gay”, a publicação editorial de livros relacionados à temática, a ascensão de cantores e cantoras abertamente homossexuais e a realização de festas, eventos e inauguração de boates, definitivamente puseram o Brasil no mapa da *gay culture*, com contornos neoliberais e consumistas. Tal ascensão só é temporariamente interrompida diante da crise do HIV-AIDS, na década de 1980: a desinformação, a discriminação e o pavor disseminado em torno da infecção levaram a uma decadência desses espaços de sociabilidade nas metrópoles brasileiras e reforçaram o estigma negativo da figura do gay, visto como o disseminador do “castigo divino” imposto à sociedade. Vale ressaltar que o discurso do opressor foi prontamente internalizado pelo oprimido; segundo aponta França (2006), na década de 1980, diversas boates e bares localizados na Rua Augusta, histórico reduto LGBTQI+ na cidade de São Paulo, foram fechados ou decretaram falência por conta do “medo dos homossexuais de se infectarem nesses locais que passaram a ser vistos como locais, por excelência, de disseminação do HIV-AIDS” (FRANÇA, 2006, p. 43).

Em linhas gerais, a sociabilidade gay masculina sempre foi marginal. Seja em seus primórdios, em espaços como ruas, esquinas e praças, na medida em que tais encontros sempre eram feitos às escondidas, em locais de pouca iluminação e, durante um período do dia, de pouca circulação. Ao se deslocarem para espaços privados, como bares, boates e saunas, tal marginalização continuou intacta, porém com um elemento novo: a segmentação do perfil de público, de acordo com a renda e classe social. Pertencer a essa *gay culture*, acima de tudo, é um privilégio de classe. Como

diria um interlocutor entrevistado para minha pesquisa de dissertação de mestrado: “A The Week não é pra quem quer, é pra quem pode!”.

Nesse sentido, nos debruçaremos agora sobre a sociabilidade gay no Rio de Janeiro ao longo do século XX, como essa marginalidade conviveu com as mudanças urbanas vivenciadas pela cidade, e como o conteúdo social dessas sociabilidades tem, nos marcadores sociais da diferença, definidores básicos.

### **Só tem ‘Bicha’ na Cidade**

O título que introduz esse tópico foi retirado da coluna do jornalista Ancelmo Góis, no jornal O Globo, de 2014. A história, que poderia ser facilmente uma piada, aconteceu no bairro do Largo do Machado: um senhor se recusou a ser atendido por uma funcionária transexual. O gerente do estabelecimento (gay assumido) acionou a Polícia Militar para denunciar o cliente por homofobia. Chegando lá, o oficial da polícia era homossexual assumido. Diante da cena, o homem exclamou “Só tem bicha na cidade!”. O homem foi levado à delegacia e autuado por desacato e crime de homofobia (O GLOBO, 2014).

Agências de turismo, companhias aéreas e até mesmo a Prefeitura da cidade vêm usando, de forma bem explícita, o título do Rio de Janeiro como “o destino gay na América do Sul”. A utilização de cartazes que mostram corpos sarados e seminus no Posto 9 de Ipanema, boates em Copacabana e saunas localizadas no Centro da Cidade são um convite ao turismo LGBTQI+ na cidade. Mas, como esses bairros e/ou espaços da cidade se firmaram como locais de sociabilidade LGBTQI+ (leia-se: gay masculina)? Quais são os antecedentes desse processo? A aceitação social é a mesma se compararmos esses locais em Copacabana e no Centro, por exemplo? São essas questões que tentarão ser respondidas a seguir.

Para iniciar a discussão sobre os espaços de sociabilidade gay é preciso utilizar dos recursos conceituais que nos permitirão compreender o estatuto desses espaços. Autores como Costa (2014) e Perlongher (1986) fazem uso de termos como “microterritórios gays” e “guetos gays”, para se referir a esses espaços de sociabilidade presente nas cidades, respectivamente. Atento especialmente para o uso do conceito de Costa (2014), de microterritórios. Em sua tese de doutorado sobre os espaços de interação e encontro gay na cidade de Porto Alegre (RS), o autor se refere a esses espaços como territórios, em escala maior, delimitado por simbologias e discursos, facilmente distinguíveis em pontos da cidade (esquinas, ruas, calçadas e bares). A ideia de microterritório estaria diretamente associada ao conceito de território, basilar para a Geografia, e no limite se referiria a uma apropriação daquele grupo sobre esses espaços rizomáticos da cidade. Para o uso do presente artigo, não utilizo o conceito de microterritório como proposto pelo autor, mas utilizo do conceito de centralidade, para se referir à sociabilidade gay nas cidades brasileiras, e, em especial, no Rio de Janeiro. O uso da centralidade denotaria o caráter aglutinador e concentrados de determinados espaços para a sociabilidade gay. Revelando a ocorrência de um amplo alcance espacial na escala da cidade e a movimentação de variados fluxos que tem esses locais por destino, não refletindo uma dominação exclusiva da população gay masculina sobre esses espaços, porém, uma permanência conflituosa e múltipla em relação a outros tipos sociais. Posto isso, iniciaremos um percurso histórico e geográfico sobre essas diferentes centralidades da sociabilidade gay

ao longo do século XX.

A vida social, política, econômica e cultural do Rio de Janeiro durante todo o século XIX e início do século XX girava ao redor do Centro da Cidade. Durante muito tempo, a própria ideia de “Cidade” estava diretamente relacionada ao estar presente no centro do Rio. Com isso, valores, discursos e encontros estavam completamente restritos aos limites do centro, e em certas áreas contíguas, presentes nele. Destacam-se duas áreas que durante parte do século XX foram centralidades do lazer e sociabilidade carioca: a Praça Tiradentes e a Cinelândia. O primeiro começa a se consolidar ainda em meados do século XIX, com a concentração de cabarés e teatros, e a prática de *footing* entre a elite carioca, aos finais de tarde; já o segundo começa a surgir em meados do século XX, por iniciativa do empresário Francisco Serrador e outros capitalistas que queriam reproduzir um simulacro da Broadway na área central do Rio de Janeiro. A ascensão da Cinelândia não significou o declínio da Praça Tiradentes, ambas conseguiram coexistir como centralidades de lazer e diversão no centro. Despontando como uma centralidade alternativa, surgia o bairro da Lapa; marcado pela concentração de bares e restaurantes, reunia a boemia carioca e se destacava pela multiplicidade de classes sociais e personagens que figuravam em suas ruas e esquinas.

A sociabilidade da cidade girava ao redor desses três eixos centrais e, nada mais coerente, a sociabilidade gay também se circunscrevia a esses espaços. A Praça Tiradentes (ou ainda, Largo do Rocío), desde o século XIX, era reduto de encontro entre “homens que faziam sexo com outros homens” (GREEN, 2019, p. 157). Geralmente de madrugada, homens em busca de amizades ou eventuais parceiros sexuais caminhavam ao redor da Praça e, através de gestos, olhares e códigos atraíam clientes e parceiros para sobrados, pensões e hotéis de alta rotatividade nas imediações dali. Ao aglutinar o espaço público da praça com o espaço privado de sobrados e pensões, a Praça Tiradentes se firmava ao longo do século XX como “reduto dos invertidos e uranistas” (GREEN, 2019, p. 157), na capital carioca.

A Cinelândia se firmava como centralidade da sociabilidade gay, na medida em que seus cinemas e teatros reuniam uma quantidade expressiva de homens gays e travestis que trabalhavam na coxia, encenavam peças e circulavam pela área, criando inclusive um famoso ponto de prostituição masculina vigente até a década de 1970. A Lapa, assim, como a Praça Tiradentes, consolida-se como importante reduto LGBTQI+: suas esquinas, bares, restaurantes, pensões, sobrados e hotéis formavam uma grande mancha espacial que aglutinava diferentes perfis. Green (2019) aponta que, embora demonstre um cenário de aparente diversidade e “tolerância” por conta da presença de públicos tão distintos, reações homofóbicas explícitas, incluindo violência física, eram comuns de serem presenciadas.

Na década de 1940, segundo Green (2019), a “topografia homoerótica do Rio de Janeiro estendia-se num semicírculo que começava na Praça Floriano Peixoto e no Passeio Público, na Cinelândia, passando pelo bairro boêmio e operário da Lapa, até a Praça Tiradentes. As duas pontas dessa longa área arqueada, a Cinelândia ao antigo Largo do Rocío, oferecem ambientes públicos para homossexuais” (GREEN, 2019, p.157). Com uma Geografia da sociabilidade bem consolidada e reconhecida, as perseguições por parte do



**As Transformações na Sociabilidade Gay no Rio de Janeiro no Século XX  
(1940-1980): Do Largo do Rocío a “Galeria do Amor”**

Estado e de agentes policiais se tornaram corriqueiras e cada vez mais violentas. Vale ressaltar que a década anterior marca a ascensão do governo ditatorial de Getúlio Vargas e o projeto de construção de nação pautada por uma sociedade “vigorosa, forte e sadia”. Soma-se a isso as intensas e rápidas transformações vivenciadas no país, com o aumento da industrialização e a expansão desenfreada da urbanização via movimento migratório campocidade. Para se construir uma grande nação era necessário eliminar todos aqueles que se tornariam um obstáculo a esse projeto, em especial “os loucos, degenerados e uranistas” (TREVISAN, 1986, p; 34).

Tendo o suporte de discursos médico-legais, o governo estimulará ações policiais em áreas de concentração de encontro gay nas cidades. Mesmo o Brasil sendo um dos poucos países do mundo a não reconhecer a homossexualidade como crime tipificado no Código Penal, outras formas de infração, como a vadiagem e o atentado ao pudor foram utilizadas como forma de apreender e retirar forçadamente das ruas pessoas LGBTQI+. Grande parte dessas rondas policiais tinha por alvo homens negros e pobres, operários e oriundos do subúrbio carioca, além das travestis e transexuais que praticavam prostituição nos locais acima mencionados. O aumento da perseguição (selecionada) promoveu uma marginalização dessas práticas de encontro e contato sexual no espaço urbano. Diante disso, mictórios de banheiros públicos, estações ferroviárias e salas de cinema na área central passam a ser ponto de encontro para atos sexuais e áreas de busca de possíveis parceiros.

Porém, esses locais não passaram impunes na prática de perseguição e estigmatização imposta pelas forças policiais. No fim da década de 1970, o jornal homossexual "O Lâmpião da Esquina" publicou uma reportagem, em sua edição de lançamento, sobre as rondas policiais executadas no Cine Íris, um importante ponto de encontro de homossexuais masculinos no centro da cidade:

Figura 1 – Reportagem d’O Lâmpião da Esquina



Fonte: GRUPO DIGNIDADE, 2019. Disponível em:  
<<http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 1 jun. 2021.

A reportagem narra os “rondões” realizados pelo distrito policial responsável pela região da Praça Tiradentes. Durante a abordagem policial, é implícito o caráter classista e até mesmo racista por parte dos policiais: homens gays de classe média e enrustidos, ao serem chantageados pelos policiais e receosos de ter sua identidade revelada, além de serem detidos, pagavam suborno e imediatamente eram liberados. A mesma sorte não possuíam os homens gays efeminados, as travestis e os trabalhadores braçais: eram detidos, agredidos e, por vezes, obrigados a limpar a delegacia como punição (O LAMPIÃO DA ESQUINA, 1978)<sup>5</sup>.

A abordagem diferenciada denota que o conteúdo dessas centralidades e da própria sociabilidade nesses locais não são determinados apenas pela orientação sexual, mas tem forte presença de marcadores sociais da diferença, como filiação étnica-racial, classe social, identidade de gênero e local de moradia. Tal diferença de abordagem, conteúdo social, e consequente aceitação espacial dessas centralidades ficará nítida a partir das décadas de 1940 e 1950, quando, em consonância com a expansão da mancha urbana em direção ao vetor sul e à Copacabana, vemos surgir uma nova centralidade da sociabilidade gay na cidade do Rio de Janeiro.

### Novos Espaços, Novos Estilos e Novos Personagens.

Na década de 1950, consolidava-se a expansão da cidade rumo à zona sul. O elevado adensamento populacional, somado à intensa verticalização, tornou Copacabana o ideal de Rio de Janeiro, tanto no imaginário nacional, quanto no internacional. Cantado em prosa e verso, eternizadas em cartões postais, e vista como a vitrine do Brasil no mundo, Copacabana demarcava também a mudança da centralidade da sociabilidade gay, que via nas praias, restaurantes e nas *boites* uma nova forma de identidade.

Entre as décadas de 1940 e 1950, a Lapa, a Praça Tiradentes e a Cinelândia continuaram a ser centralidades do encontro homoerótico na cidade. Porém, a vida noturna vibrante da classe média havia se transferido para Copacabana. Importante ressaltar, como afirmado por Green (2019), que mesmo com a coexistência dessas duas centralidades Centro-Copacabana, nunca houve uma interdição explícita de acesso entre essas áreas: era perfeitamente comum que os enrustidos de classe média que frequentassem Copacabana buscassem parceiros com “jeito de macho” no Centro do Rio, reduto de operários, trabalhadores braçais e “gays enrustidos”. Assim como era esperado que parte dos frequentadores do Centro da cidade se deslocassem até Copacabana em busca de um parceiro que pudesse sustentá-los economicamente, ou até mesmo, numa tentativa de se diferenciar dos demais por frequentar um local considerado de alto *status* social. O que estava posto com a existência dessas duas centralidades era uma segmentação socioespacial, que tendia a refletir um perfil mais popular, negro, originário do subúrbio e de baixo poder aquisitivo, no Centro; e um perfil de classe média, branco, originário de áreas de alto *status* residencial e de médio/elevado poder aquisitivo, em Copacabana.

5 Disponível em: <<http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>> Acesso em: 10/04/2021.

Outra questão interessante é notar o grau de repressão vivenciado entre essas duas localidades: as rondas policiais eram sistemáticas e de certo modo esperadas pelos frequentadores de banheiros, praças e bares do Centro da cidade. Ocorriam sempre nas noites de sexta e sábado em locais como: saídas de teatro, esquinas e becos visando, sobretudo, as travestis que eram alvos constantes de uma brutal violência policial. Em Copacabana, ocorria o inverso: grande parte dos encontros ocorria na praia e em restaurantes conhecidos do bairro, mas, aparentemente, contava com a complacência da polícia, que raramente fazia incursões nessas localidades.

Isto evidenciado, passamos à Geografia da interação homoerótica em Copacabana. Em contraste com a área central, os encontros ocorriam em sua maioria em espaços privados, seja nos apartamentos<sup>6</sup>, ou em restaurantes e bares do bairro. A Avenida Nossa Senhora de Copacabana, na década de 1950, torna-se um reduto da homossexualidade no bairro; com forte presença de cafés, boutiques e bares onde os homens gays, ao final da tarde e durante a noite, caminhavam em busca de parceiros sexuais (TREVISAN, 2000).

A parada nos cafés e bares do bairro era comum, porém, suscitava conflitos e tentativa de expulsão por parte dos seus proprietários. Tais estabelecimentos não eram voltados e muito menos buscavam uma clientela homossexual, os proprietários inclusive acreditavam que a presença de um público gay afastaria os demais clientes e causaria prejuízos. Diante dessa recusa, como aponta Green (2019), a solução encontrada pelos gays foi a de ocupar esses locais até eventualmente serem expulsos pelos proprietários. Exemplo bem sucedido dessa “invasão gay” a esses espaços foi o bar “A Tasca”, que era considerado, em 1952, “nova sensação de Copacabana destinada a todos os sexos: masculino, feminino e indefinível” (TREVISAN, 2000, p. 272), no bairro. Ao longo da década de 1960, diante da aclamada Revolução Sexual e do sucesso internacional dos concursos de transformistas e travestis realizados no Carnaval carioca, e de olho no faturamento que o público gay poderia trazer para esses estabelecimentos, começam a surgir bares, restaurantes e boates voltadas ao público exclusivamente gay, em Copacabana, como *Alfredão*, *Alcatraz*, *Dezon*, *Stop*, *Sunset* e *Why Not?*.

A emergência desses novos espaços de sociabilidade gay não ficou restrita a espaços privados, mas teve no maior símbolo da zona sul sua apropriação espacial: a praia. Em meados da década de 1950, surge em um trecho da Praia de Copacabana, na altura do Copacabana Palace, um local de sociabilidade e encontro gay, conhecido como “Bolsa de Valores”. Não se sabe ao certo origem do nome, mas, ao que tudo indica, segundo Green (2019), é uma referência ao ato de se “mostrar para garantir uma aposta” (GREEN, 2019, p. 274), semelhante a uma bolsa de valores, e pelo fato desse trecho da praia ser o de maior visibilidade em toda a faixa de areia. O conteúdo social da Bolsa de Valores era marcadamente de classe média, geralmente pessoas de bairros vizinhos, como Ipanema e Leme, sendo os michês que usavam esse ponto da praia para a prática de prostituição, os

6 Esses encontros eram conhecidos como “turmas” onde era comum a realização de desfiles de travestis, encenações artísticas e jantares como forma de promover a socialização e estreitar os laços de solidariedade entre grupos perseguidos socialmente. A mais famosa dessas turmas foi a Turma Ok fundada em 1961 por Agildo Guimarães (COSTA, 2010).

únicos de fora desse circuito.

Ao contrário do que ocorria na Praça Tiradentes, Lapa ou Cinelândia, nunca houve ações explícitas da polícia para remover ou interditar a presença desses homossexuais na faixa de areia. Inclusive, seus frequentadores contavam com o apoio indireto dos moradores locais. Trevisan (1986) narra um episódio curioso: alguns jovens valentões e musculosos decidiram se reunir para expulsar com socos e pontapés os gays que se encontravam na Bolsa de Valores. No dia marcado, houve um pequeno tumulto, no qual areia foi arremessada sobre crianças e mães que tomavam sol próximas à Bolsa. Indignadas, saíram em defesa da permanência dos gays e ameaçaram contar para os pais dos garotos a sua tentativa de expulsá-los. E foi assim, com o consentimento da família conservadora de classe média, que a Bolsa de Valores se consolidou como centralidade do lazer gay, na zona sul carioca. Porém, outro local igualmente reduto da sociabilidade gay da zona sul carioca não contou com tamanha simpatia dos moradores locais, mesmo assim, foi fundamental para se compreender as interações homosociais nesse período na cidade: a Galeria Alaska.

### **“A Galeria do Amor é Assim: Um Lugar de Emoções Diferentes”**

O subtítulo presente faz referência ao trecho de uma música do cantor Agnaldo Timóteo, de 1975, intitulada "A Galeria do Amor". A música é uma homenagem a Galeria Alaska, considerada o “maior point de encontro gay do mundo” (TREVISAN, 1986, p. 76).

A Galeria Alaska foi fundada em 1951, no entroncamento entre a Avenida Nossa Senhora de Copacabana e a Avenida Atlântica, na altura do Posto 6 da Praia de Copacabana. Inicialmente projetada para abrigar lojas e boutiques de alto padrão, partilhando espaço com condomínios residenciais, a galeria surgiu como uma solução espacial para a intensa verticalização e a pouca disponibilidade de espaços horizontais para a criação de eixos comerciais no bairro.

Em 1952 foi inaugurada a primeira boate na galeria, conhecida como *Katakombe*. Na época, era reconhecida como uma das mais importantes boites localizadas no Rio, pois reunia requinte, bom gosto e estilo típicos de locais similares nos Estados Unidos e Europa. Junto com a inauguração da boate, temos um afluxo de gays e o início, por parte da mídia, de uma campanha de difamação da galeria, como “espaço de invertidos” e “local violento de pederastas” (O GLOBO, 1952). Nas entrevistas realizadas com os frequentadores da Galeria Alaska entre as décadas de 1960 e 1980, era nítido o fascínio que esse local despertava em seus usuários. Era considerado um dos poucos locais onde se podia exercer a liberdade de ser o que é sem medo ou receio de retaliações e violências.

Ao longo da década de 1960, popularizam-se os desfiles e festas organizadas pelas travestis, destaque para o chamado *Les Girls*, idealizado e apresentado pela travesti Rogéria, que transforma oficialmente a Galeria Alaska num espaço LGBTQI+. Populariza-se, nessa época, a prática de prostituição e a tentativa da mídia de associar o espaço e, conseqüentemente, os homossexuais e as travestis a violência e criminalidade, é intensificada.

**As Transformações na Sociabilidade Gay no Rio de Janeiro no Século XX  
(1940-1980): Do Largo do Rocío a “Galeria do Amor”**

Figura 2 – Reportagem d’O Globo



Fonte: O GLOBO. Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo>>. Acesso em: 28 mai. 2022.

Na década de 1970 e 1980, diante da forte repressão da ditadura militar a corpos e sexualidades, a Galeria Alaska se torna um território protegido na cidade e sua fama se estende para o exterior. Nesse período, é inaugurada a boate Sótão, que contará com a presença de artistas nacionais e internacionais de renome, e lançará uma novidade importada das boates americanas: o show de *strippers* e *gogoboy*s. A chamada "Noite dos Leopardos" vai contar com a apresentação de dançarinos completamente nus em shows que mesclam apresentações teatrais, dança e sexo.

A Galeria Alaska entra em declínio na década de 1980, encerrando em definitivo suas atividades. Posto isso, alguns elementos podem ser analisados para corroborar a importância que a Galeria Alaska assume no contexto de sociabilidade gay, no Rio de Janeiro. Segundo um dos interlocutores, as razões atribuídas ao declínio são a estigmatização associada ao espaço, após um assassinato na Galeria na década de 1970, e a crise do HIV/AIDS, como é relatado na sua fala:

*Quando surgiu os casos de ‘AIDS’ as pessoas tinham muito medo de frequentar porque achavam que pegariam a doença (sic). Então foi todo mundo ficando receoso de ir e começou meio a que se trancar em casa, fazer encontro as escondidas e foi diminuindo as idas. Além disso teve o assassinato do jogador de futebol lá e isso manchou muito a imagem da Galeria (Interlocutor de 65 anos, morador do bairro de Botafogo e frequentador da Galeria Alaska entre as décadas de 1970 e 1980).*

Primeiro, é importante ressaltar que a galeria marca em definitivo a emergência de Copacabana como uma centralidade da sociabilidade e lazer

gay na cidade do Rio de Janeiro: as boates e shows que ocorriam no local impregnam essa localidade no reduto do imaginário LGBTQI+ carioca, tornando-se referência, até os dias de hoje, na vida noturna gay.

Outro ponto de destaque é que a Galeria Alaska marca a entrada da vida noturna gay carioca no cenário de *gay culture* emergente desde a década de 1960. Assim, percebe-se uma transição das práticas de encontro e lazer realizados no âmbito do espaço público para o espaço privado, mediado pelos signos de consumo e distinção e por uma seletividade do público e dos estilos ali reproduzidos. De forma amplificada, a Galeria Alaska seria a epítome de um processo de privatização da sociabilidade e da interação gay na cidade do Rio de Janeiro, que se tornaria, a partir dali, fechada, intraclassista, e mediada pela capacidade de segmentar a diferença, através do capital econômico e cultural.

Importante ressaltar que as práticas de encontro e sociabilidade gay continuaram nesse decurso a serem realizadas na área central da cidade. Informações disponibilizados através de trabalhos (GREEN; QUINALHA, 2014) demonstram que, na segunda metade do século XX, sobretudo no período que precedeu o fim da Ditadura Militar, as perseguições e rondas policiais a áreas centrais da cidade contra a sociabilidade e encontro de homens gays e travestis continuaram, tanto no Rio, quanto em São Paulo. É, no mínimo, paradoxal que a Galeria Alaska, mesmo diante de ataques sistemáticos da mídia, sociedade civil, especuladores imobiliários e forças policiais, tenha se mantido relativamente intacta (mesmo com alguns episódios de assassinatos e roubos no local), enquanto verdadeiras devassas eram realizadas em áreas como a Lapa, Praça Tiradentes e Cinelândia. Tal atitude nos atenta para a necessidade de olhar a sociabilidade gay, ontem e hoje, sob uma perspectiva que contemple a classe social, o gênero e a filiação étnico-racial, para que a construção desses espaços, os discursos feitos sobre ele e a sua inserção no tecido urbano seja compreendida dentro das desigualdades sociais conhecidas: que toleram certos tipos, e execram e eliminam tantos outros.

### **Considerações Finais**

O presente artigo buscou discutir as diferentes práticas de sociabilidade gay na cidade do Rio de Janeiro, entre as décadas de 1940 e 1980, do século XX. Ressalta-se que as transformações dessas sociabilidades, quanto ao conteúdo e a localização geográfica, acompanharam as mudanças nos padrões de ocupação, usos e permanências na cidade. Junto com a evolução do crescimento urbano para a zona sul, tendo como baluarte o bairro de Copacabana, a sociabilidade em geral, e a gay, em particular, realiza um deslocamento espacial, alterando com isso seu alcance, público e tipos de interações. A mudança mais evidente será uma transição de espaços de sociabilidade públicos ou semipúblicos para espaços privados de consumo, denotando o caráter classista e segregador desses novos espaços. Com isso, percebe-se que o conteúdo social dessas sociabilidades refletirá o padrão de ocupação de áreas como o Centro e Copacabana: periférico, negro, operário e de baixo *status* social, no primeiro; e classe média, branco, dotado de capital



cultural e econômico, no segundo.

No limite, a análise dessas centralidades da sociabilidade gay permite compreender como, ao longo do século XX, a produção do espaço urbano da cidade do Rio de Janeiro fora baseada na segmentação e fragmentação do tecido urbano, refletindo um discurso de cidade racional, pautada pelo capital e que tem no apagamento das diferenças, sobretudo as que se refere ao gênero e sexualidade, sua principal marca.

### **Bibliografia**

ABREU, Maurício de Almeida Abreu. **Evolução Urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro. IPP, 1988.

BOURDIEU, Pierre. **Gosto de Classes e Estilos de Vida**. In: Ortiz, Renato (org). Coleção Grandes Cientistas Sociais, n.39. Ática, São Paulo, 1983.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. 10º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira., 2010.

CHAUNCEY, George. **Gay New York: Gender, Urban Culture and the Making of the Gay Male World, 1890-1940**. New York: Basic Books, 1994.

COSTA, B. P. da. Práticas Espaciais de “Pegação” Homoerótica: o caso dos banheiros públicos nas cidades de Presidente Prudente- SP e Vitória da Conquista -Ba. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**. Vol 5, n 1, UPEG. Ponta Grossa-PR, 2014.

COSTA, B.P. da. Microterritorializações e Microterritorialidades Urbanas. **Revista Terr@ Plural**, vol 11, n 1, UEPG. Ponta Grossa -PR, 2017.

DUARTE, Aluizio Capdeville. **A Área Central do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro. Divisão de Geografia (org.). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 1967

ELIAS, Nobert; e SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma comunidade; tradução Vera Ribeiro; tradução do posfácio a edição alemã – Rio de Janeiro**. Jorge Zahar Editor, 2000.

FACHINNI, R. **Sopa de Letrinhas? Movimento Homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90**. Rio de Janeiro. Garamond, 2005.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade – a vontade de saber**. São Paulo. Ed Graal, vol 1, 14ª edição, 2001.

## As Transformações na Sociabilidade Gay no Rio de Janeiro no Século XX

(1940-1980): Do Largo do Rocío a “Galeria do Amor”

FRANÇA, Isadora Lins. **Cercas e Pontes**: o movimento GLBT e o mercado GLS em São Paulo. São Paulo. Universidade de São Paulo. Tese (doutorado), 2006.

FRY, Peter e MACRAE, Edward. **O que é Homossexualidade**. São Paulo. Abril Cultural: Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 1985

GREEN, James N & QUINALHA, Renan (Orgs). **Ditadura e Homossexualidades**: repressão, resistências e a busca pela verdade. São Carlos: EDUFscar, 332p, 2014.

GREEN, James N. **Além do Carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. Tradução: Cristina Filho e Cássio Arantes Leite. 2 ed. São Paulo: Editora Unifesp, 2019.

GUIMARÃES, Carmem. **O Homossexual visto por Entendidos**. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro/Museu Nacional, Dissertação de Mestrado, 1977

KNOPP, L. Some Theoretical Implications of Gay Involvement in a Urban and Land Market. *In*. **Political Geography Quartely**, 1990. Vol 9

LAMPIÃO da Esquina. *In*: **Lampião da Esquina**. Grupo Dignidade, 2019. Disponível em: <http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>. Acesso em: 1 jun. 2021.

LOURO, Guacira Lopes. **Um Corpo Estranho**: ensaios sobre sexualidade e a teoria queer. Belo Horizonte. Autêntica, 2004.

MAGNANI, J.G.C. De Perto e de Dentro: notas para uma etnografia urbana. *In*: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.17, n 49, p 11-22, 2002.

MATTOS, R. B. A Dinâmica dos Espaços da Prostituição na Cidade do Rio de Janeiro: 1840-140. *In*: RIBEIRO, M. A; OLIVEIRA, R. S. (org.) **Território Sexo e Prazer**: olhares sobre o fenômeno da prostituição na geografia brasileira 1ed. Rio de Janeiro - RJ: Gramma, 2011. 45-62.

O GLOBO. “Só tem bicha nessa cidade?” – Carlos Tufvesson comenta o caso. Publicado em 02 de setembro de 2014, por Fernanda Pontes. 2014. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/gente-boa/post/so-tem-bicha-nessa-cidade-carlos-tufvesson-comenta-caso-547991.html>. Acesso em: 28 mai. 2022.

O’DONELL, Julia. **A Invenção de Copacabana**: culturas urbanas e estilo de vida no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Zahar, 2013.

ORNAT, Márcio José. Sobre Gênero, Espaço e Geografia Feminista. Ponta Grossa -PR. **Revista Terr@ Plural**, vol. 2, 2008.



**As Transformações na Sociabilidade Gay no Rio de Janeiro no Século XX**

**(1940-1980): Do Largo do Rocío a “Galeria do Amor”**

PEDROSO, M. F; GUIMARÃES, R. B. Marcas do HIV/AIDS em Corpos Jovens: Rupturas e Ressignificações no Espaço Urbano. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, v. 8, n.2, p. 2350, 2017.

PERLONGHER, Nestor. **O Negócio do Michê**. 2ª ed. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.

RABHA, Nina de Carvalho Elias. **Centro do Rio: perdas e ganhos na história carioca**. 443 p. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

RIBEIRO, Miguel Ângelo & MATTOS, Rogério Botelho de. Territórios da Prostituição de Rua na Área Central do Rio de Janeiro. In: RIBEIRO, Miguel Ângelo (org). **Território e Prostituição na Metrópole Carioca**. São João de Meriti, Rio de Janeiro. Ecomuseu Fluminense. p 88-112, 2002.

SILVA, J. M. A Cidade dos Corpos Transgressores da Heteronormatividade. **Revista Geo UERJ**. Ano 10 - nº 18 - Vol. 1 - 1º semestre de 2008. Editorial Universidade Estadual de Rio de Janeiro – Brasil. 2008. 16p.

SILVA, J. M; ORNAT, M. J; CESAR, T. R. A. O; CHIMIN JUNIOR; A. B; PRZYBYSZ, J. O Corpo como Elemento das Geografias Feministas e Queer: um desafio para o Brasil. In: SILVA, J.M; ORNAT, M. J; CHIMIN JUNIOR, A. B. (org.) **Geografias Malditas: corpos, sexualidade e espaços**. Ponta Grossa – PR: Toda Palavra, 2013. 85-142.

SILVA, Joseli Maria. Gênero e Sexualidade na análise do espaço urbano. Florianópolis. **GEOSUL**. p 117-134, 2007.

SILVA, Joseli Maria. Geografias Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades. Ponta Grossa. Editora Toda Palavra. **Ateliê Geográfico**. p 254-257. 2011

SIMMEL, Georg. As Grandes Cidades e a Vida do Espírito. In Botelho André (org). **Essencial Sociologia**. São Paulo: Penguin/Companhia das Letras. p 311-329, 2013

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia a atualidade**. Ed. revista e ampliada. 4ª edição Rio de Janeiro. Record: 2000.

RIBEIRO, Miguel Ângelo Campos. Prostituição de rua e turismo em Copacabana: a avenida atlântica e a procura de prazer. In: **Revista Território**, Jul/Dez 1997, Vol II, nº 3. p. 87 -104.

Recebido em 11 de junho de 2021.

Aceito em 09 de maio de 2022.

João Victor Sanches Patrício

